

GÊNERO e PSICANÁLISE: proposições entre a teoria e a pesquisa psicanalíticas

Gender and Psychoanalysis: propositions between psychoanalytic theory and research

Claudionor Renato da Silva^()*

Resumo

Gênero na psicanálise assume na atualidade uma leitura voltada para a identidade, no crivo da crítica feminista, seja na clínica psicanalítica, seja pela pesquisa, tendo Freud como ponto de partida. O artigo aponta três proposições à temática *gênero na psicanálise*, que oscilam dos usos acrílicos aos usos críticos de gênero.

Palavras-Chave: Gênero. Psicanálise. Teorias psicanalíticas. Pesquisa em psicanálise.

Abstract

Gender in psychoanalysis assumes today a reading for identity, the test of feminist criticism, whether in the psychoanalytic clinic, or by research, in Freud the starting point. The article points out three propositions to the topic gender in psychoanalysis, ranging from uncritical uses to critical uses gender.

keywords: Gender. Psychoanalysis. Psychoanalytic theories. Research in psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Gênero (do latim *genus*) é empregado pela primeira vez na psicanálise por Robert Stoller (Stoller, 1993) na distinção entre o *sexo* e a *identidade psicossocial*. A partir daí a crítica feminista tem se debruçado sobre a psicanálise, bem como sobre outros referenciais, sobretudo dos campos da História e da Filosofia, no sentido de explicitar as atualidades da produção de conhecimento em gênero. Na Psicanálise busca-se aquilo que possa simbolizar e evidenciar a mulher e sua posição na sociedade ainda machista e preconceituosa, colocando-a em lugar de subjugação e dominação, não reconhecendo a pluralidade feminina e potencialidade de governabilidade, espaços ainda dominados *por e pelos* homens.

Neste sentido, este artigo tem por objetivo identificar proposições sobre gênero, entre *as teorias psicanalíticas e a pesquisa em psicanálise*, no crivo da crítica feminista, entendendo *proposição* como uma “[...] Formulação linguística de um juízo, podendo ser verdadeira ou falsa. Tradicionalmente considera-se o juízo como um ato mental e a proposição como sua expressão linguística [...] (JAPIASSU; MARCONDES, 2001)”.

^(*) Professor na Universidade Federal de Tocantins.doutorando em Educação Escolar. Mestre em Educação. Pedagogo. **E-mail:** claudionorsil@gmail.com.

As proposições elencadas neste trabalho são respostas à questão central da reflexão teórica empreendida: que *proposições* podem ser organizadas a respeito do tema *gênero na psicanálise* a partir de Freud até à psicanálise contemporânea, e como estão sendo colocadas estas questões nas pesquisas, nas dissertações e teses da CAPES nos últimos anos?

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica começando por Sampieri; Collado; Lucio (2006) na construção destas proposições. A pesquisa bibliográfica, segundo estes autores, insere-se numa perspectiva de marco teórico que implica nas funções de servir de marco de referência, de estabelecimento de hipóteses, da possibilidade de ampliar o horizonte, de orientar o estudo e de prevenir erros.

A organização destas proposições, na atualidade, sobre o tema *gênero e psicanálise* se faz, num primeiro momento, a partir de Stoller (1993) e inclui além da base freudiana (Freud, 1996 a; 1996b) alguns autores que vêm discutindo a temática como Assoun (1993), Mouffe (1999), Person; Ovesey (1999), Ribeiro (2000), Valença (2003), Kehl (2008) e Lago (2010) para citar alguns. O segundo momento de possíveis localizações de proposições se faz no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o elencamento de pesquisas a partir do ano de 2011.

Para Sampieri; Collado; Lucio (2006):

[...] é sempre importante revisitar o passado para construir o presente e visualizar o futuro, ou seja, é conveniente localizar, obter e consultar estudos anteriores, livros, revistas científicas, ensaios, teses, fóruns e páginas da Internet, material audiovisual, testemunhos de especialistas e toda fonte que se relacione com o problema ou tema de pesquisa [...]. Uma vez formulado o problema de estudo [...] e quando já foram avaliadas sua relevância e viabilidade, o passo seguinte consiste em sustentar teoricamente o estudo [...]. Isto implica analisar e expor as teorias, os enfoques teóricos, as pesquisas e os antecedentes em geral, considerados válidos para o correto enquadramento do estudo [...] (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 52).

Partindo, assim, “[...] de uma perspectiva teórica ou de referência (Sampieri; Collado, Lucio, 2006)” –Freud e seus sucessores, até a contemporaneidade, mas também, as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos no Brasil -, organizam-se três *proposições* sob o tema *gênero na psicanálise*; buscando-se avançar na produção de conhecimento, na atualização do debate e das reflexões, tendo como base de pensamento a crítica feminista.

Sobre a crítica feminista - conceito nuclear neste trabalho, por onde orbitam a psicanálise e gênero, bem como as pesquisas - destaca-se o pensamento de Bandeira (2008), no sentido de que a mesma fundamenta-se em teorias (no plural) e não em uma única teoria geral, mas que visa, em seu conjunto, mesmo sob diversas perspectivas (diga-se, escolas de pensamento, como o lacanismo, o kleinismo, etc.), a luta pela evidencição da mulher e não mais sua subordinação numa sociedade exclusivamente predominada pela (im)posição dos homens. A crítica feminista, assim, é esta proposição mais ampla de pensamento combativo contra (estas) as estruturas sociais predominantemente binárias quanto ao gênero.

[...] a crítica feminista é de contexto, relacional e relativista o que de início implica numa atitude crítica iconoclasta que consiste em não aceitar totalidades universais ou balizas fixas. Trata-se de historicizar os próprios conceitos com que se tem de trabalhar, tais como os de reprodução, família, público, particular, cidadania, sociabilidades a fim de transcender definições estáticas e valores culturais herdados como inerentes a uma natureza feminina (Dias apud BANDEIRA, 2008, s/p).

É no construto *gênero* como demarcador, que a crítica feminista consolida seu território temático, de pesquisa e de luta. A partir daí,

[...] a crítica implica “que atributos masculinos e femininos sejam definidos um em relação ao outro, pressuporia também que termos como sexual, feminino, masculino não fossem tomados como auto-evidentes, mas sim considerados em sua historicidade”. Nesse sentido, a categoria relacional de gênero, “[...] mais propriamente usada para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia entre os sexos [...]”, representou um aporte decisivo às abordagens menos descritivas, consolidando-se como uma categoria analítica, cuja densidade conceitual tem sido fundamental não apenas para uma nova/outra prática de produzir ciência, mas, sobretudo para as transformações das estruturas sociais (BANDEIRA, 2008, s/p).

As discussões em evidência permitem a averiguação de que se exige uma ampla abordagem, no tocante aos diversos autores no campo da psicanálise, em Freud, principalmente, seus opositores, seus interlocutores e os continuadores de sua pesquisa no plano clínico psicanalítico e de quadro teórico; e também, nas pesquisas acadêmicas que geraram dissertações e teses que vêm atualmente promovendo a relação e a aproximação *gênero/psicanálise*, seja sob a perspectiva da crítica feminista ou não, mas que, de qualquer forma, promovem um novo outro olhar(es) para a feminilidade, a identidade.

GÊNERO NA PSICANÁLISE – identificando as primeiras proposições (plano teórico)

Pelo menos dois temas são nucleares na produção freudiana, como pontos de partida para os estudos de *gênero* que exigiram outras formulações na atualidade: *sexualidade infantil* e *sexualidade feminina*. No interior da própria produção freudiana estes temas foram se aperfeiçoando e se ampliando; outros, como a teoria da sedução, foi abandonada, mas retomada por outros autores no decorrer da constituição do campo da psicanálise.

Gênero não é uma palavra nem conceito nas produções freudianas, mas está lá. Com relação à mulher, Freud se difere dos homens de sua época, mas em partes. A mulher assume um lugar central em sua produção e, por isto, um lado freudiano é defensor da causa feminista, mas outro, como os homens de sua época colocam a mulher em lugar sub, inferior. Pode-se dizer que Freud caminha por entre duas considerações: uma, re-afirmando e apoiando a opinião geral contra as feministas, sobretudo no que diz respeito ao voto e a participação política; outra, defendendo com rigor em seus textos que a mulher e a luta feminista eram legítimas, chegando a afirmar que a Psicanálise ganharia em muito com analistas mulheres; “[...] Anna Freud e Melanie Klein eram encarnações vivas das aspirações feministas, beneficiando-se da coragem solitárias de uma geração anterior – e da atitude de Freud (GAY, 1989, p. 462).

Temos, assim, um Freud muito contraditório. Mas levando em consideração seu lado pró mulheres, pró feministas, Freud,

[...] nunca levantou obstáculos – pelo contrário, incentivou – as mulheres que aspiravam à carreira psicanalítica, e levava a sério seus pontos de vista. Na verdade, ele contrabalançou seus comentários sobre as mulheres, que iam da franca perplexidade até uma altiva cortesia, ao liderar uma profissão onde elas poderiam atingir o topo. Freud adquiriu cedo suas convicções e continuou a considerá-las perfeitamente satisfatórias. Mas sua conduta como fundador incontestado e líder de um movimento internacional, ao qual as mulheres ofereciam contribuições evidentes e reconhecidas, contradizia sua retórica (GAY, 1989, p. 461).

A sexualidade feminina em Freud atestou que a mulher era um ser sensual tal como o homem. Isto é um avanço para as concepções da época. Para chegar a esta conclusão Freud aponta seus primeiros estudos durante os anos 1890 “[...] segundo a qual todas as neuroses se originam de conflitos sexuais, pressupõe que mulheres e homens sejam igualmente suscetíveis a estímulos eróticos (GAY, 1989, p. 466)”.

Seus estudos sobre a sexualidade feminina são o ponto de partida para se pensar *gênero* na atualidade e toda a remodelação necessária, teórica e conceitual, bem como, clínica e de pesquisas. O *Caso Dora* é o primeiro destes casos clínicos freudianos sobre a feminilidade. A teoria da sexualidade feminina avança nos *Três Ensaio*s (Freud, 1996a) ao falar do autoerotismo e da masturbação de meninas.

Para Freud, o desenvolvimento de meninos e meninas, no início, seguem os mesmos passos. Freud não acredita nas falas de senso comum da época – e se pode dizer, até hoje – de que meninos são agressivos e meninas, submissas – portanto, um discurso acrítico sobre gênero. Nestas pesquisas é que Freud vai conceituar a *bissexualidade* “[...] isto é, a ideia de cada gênero, apresenta algumas características do outro (GAY, 1989, p. 469)”.

O Dicionário de Psicanálise coloca a *bissexualidade* como:

[...] um conceito central da doutrina psicanalítica da sexualidade, ao lado dos de libido e pulsão, foi progressivamente utilizado para designar uma disposição psíquica inconsciente que é própria de toda a subjetividade humana, na medida em que esta se fundamenta na existência da diferença sexual, isto é, baseia-se na necessidade de o sujeito fazer uma escolha sexual, quer através do recalque* de um dos dois componentes da sexualidade, quer através da aceitação desses dois componentes, quer, ainda, através de uma renegação da realidade da diferença sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.71).

Segundo Koss (2000),

por intermédio do conceito da bissexualidade e baseando-se na anatomia, Freud transporta para o psiquismo a dupla potencialidade do programa genético. Mas se os fatos biológicos mostram que, no embrião humano, o macho se desenvolve mediante um esforço hormonal adicional, caso contrário será fêmeo, para Freud a libido é ativa e masculina, a atividade necessitando ser reprimida na mulher para corresponder ao padrão feminino. [...] é apenas a partir do momento em que a libido se organiza em torno dos genitais (definida a partir do genital masculino como fase fálica) que se configuram a diferenciação sexual que está na base da identidade sexual genital adulta.

Com os estudos da bissexualidade, Freud desenvolve as teorias da homossexualidade e da sexualidade feminina, mas não avança o bastante como o farão a terceira geração de psicanalistas, sobretudo D.W. Winnicott, J. Lacan e Robert Stoller que reconfiguram a bissexualidade no cenário psicanalítico.

Koss (2000) sustenta gênero na psicanálise como um programa, a partir do masculino, que, em contrapartida, define a mulher. Não por acaso, Simone de Beauvoir

evidenciou a necessidade de que, no tocante à mulher e a sociedade atual “[...] o complexo de Édipo se apresentaria profundamente alterado (KOSS, 2000, p. 187)”.

No interior das fases *pré-edípiana e edípiana* Freud consolida seus estudos sobre a sexualidade feminina reconhecendo que a partir desta descoberta muito se passa a conhecer sobre o feminino e a sexualidade, obviamente, não sem muitas críticas e oposições como aquelas que se deparou, com a(o)s analistas, Karen Horney (1885-1952) e Ernest Jones (1879-1958).

Destaca-se aqui, brevemente, a posição de Karen Horney, contrariando as postulações de Freud sobre a sexualidade feminina no ano de 1922.

[...] observou Horney, a inveja do pênis não é uma introdução ao amor edípiano, mas uma defesa contra ele. Não negava que, depois de suas cruéis decepções, as meninas muitas vezes se afastavam de toda a sexualidade. Mas, tal como os meninos, insistiu Horney, as meninas passam inicialmente pela sua experiência edípiana: a seu ver era insustentável a famosa fórmula diferencial de Freud, referente à seqüência do complexo de castração e do complexo de Édipo. Em realidade, concluiu ela com uma demonstração imparcial de justiça, a teoria psicanalítica reinante a respeito da mulher servia a si própria – isto é, servia aos homens que a promulgaram. “O dogma da inferioridade das mulheres teve suas origens numa tendência masculina inconsciente”. Tudo isso era grave e forte. O que importava a Horney [...] era [...] estabelecer um princípio. Apesar do que Freud e as analistas mulheres que o seguiam pudessem sustentar **acriticamente**, a feminilidade é um dote “essencial” da mulher (GAY, 1989, p. 472, grifos meus).

A riqueza da produção psicanalítica se mostra evidente aqui, seja confirmando, seja contrapondo Freud e que merecem estudos atualizados e mais aprofundados, considerando, inclusive, a afirmativa de Gay (1989) de que a sexualidade feminina em Freud foi “acrítica”, conforme citação anterior grifada. Quando ela se torna acrítica para fins da sociedade machista e de dominação masculina de sua época, bem como nos estudos atuais sobre gênero na psicanálise?

Koss (2000) afirma que:

Para a Psicanálise, o falo instaura o simbólico e tudo que vem antes dele é considerado imaginário, ou pré-simbólico. [...] Em Freud, este feminino aparece como a figura toda poderosa da mãe pré-edípica, subjacente à maioria dos fantasmas que colocam em cena o pai e mais tarde os seus substitutos. Psicanaliticamente, consciência se refere à esfera egóica, tudo o mais relegado ao estado de inconsciência (KOSS, 2000, p. 188).

A partir de Robert Stoller (1924-1991) que em 1964 emprega pela primeira vez a palavra *gênero*, distinguindo *sexo* de *identidade*, se abre a possibilidade de re-olhar os

*rastr*os freudianos no que diz respeito ao *anatômico (sexual) e a identidade sexual*¹. Depois da 2.^a Guerra, o norte-americano Stoller, tornou-se um dos maiores pesquisadores na temática das perversões sexuais (transexualidade²).

Stoller retoma as definições freudianas de identidade sexual, diferença sexual, fetichismo e sexualidade, e contesta, duramente, a teoria freudiana da sexualidade feminina, sobretudo o falocentrismo.

Os pontos de partida de Stoller, são o *kleinismo* (escola de pensamento originária em Melanie Klein que modifica totalmente a doutrina e a clínica freudianas, com novos conceitos e práticas de análise) e o *Self Psychology* (com acepções diferentes no campo psicanalítico, o termo designa em termos gerais um *movimento* de contestação ao freudianismo clássico sobre a dimensão narcísica do sujeito; tratava-se de estudos sobre distúrbios da identidade; o movimento teve fim nos anos 1990) (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Stoller retoma o pensamento freudiano construindo a relação *anatômica* com o psiquismo. Um dos resultados diretos do trabalho de Stoller, dentre outros é a construção da transexualidade feminina. Catherine Millot desenvolveu seu estudo, com base em Stoller

[...] mostrando que, na mulher, o desejo de ser amada como “um” homem é mais decorrente de um processo histórico, ao passo que, no homem, a vontade de erradicação do órgão peniano consiste numa identificação psicótica com *A Mulher*, isto é, com uma totalidade impossível. Essa tese confirmou o que todos os casos observados já haviam mostrado, em especial nas histórias de incesto: o distúrbio da identidade sexual é simultaneamente mais frequente e mais psicotizante no homem do que na mulher, na medida em que a simbiose original se deu com uma pessoa do sexo oposto: a mãe (ROUDINESCO; PLON, 1998, .p. 766).

Roudinesco; Plon (1998) sobre o transexualismo, afirmam que,

de início, fez-se uma distinção radical entre o transexualismo, o travestismo, a homossexualidade e o hermafroditismo. Depois, simultaneamente marcado pela *Self Psychology* e pelo *kleinismo*, fez do transexualismo um distúrbio da identidade (e não da sexualidade), diferente nos homens e nas mulheres, e ligado à relação particular e sempre idêntica da criança com a mãe. Daí a ideia de diferenciar o gênero (*gender*), como sentimento social de identidade (masculina ou feminina), do sexo, como organização anatômica masculina ou feminina. (No transexualismo, a dissimetria entre os dois é radical.) (p. 765).

¹STOLLER Robert. A contribution to the study of gender identity. *IJP*, 45, 1964.

² “Termo introduzido em 1953, pelo psiquiatra norte-americano Harry Benjamin, para designar um distúrbio puramente psíquico da identidade sexual, caracterizado pela convicção inabalável que tem um sujeito de pertencer ao sexo oposto (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 764)”.

As produções na vertente psicanalítica, sobretudo na temática do *transexualismo*, de Stoller em diante, irão confirmar as teorias freudianas da libido e do falocentrismo, na medida em

[...] que o estudo dos casos de transexualismo feminino mostra que as mulheres suportam melhor do que os homens a transformação anatômica que as torna varões. Em suma, o transexualismo feminino parece decorrer de um distúrbio da identidade, de natureza histérica ou perversa, que evidencia a maneira como toda mulher se serve de seu “protesto viril”, ao passo que o transexualismo masculino atesta, antes, uma vontade indomável de emasculação, que não passa da tradução de uma opção de aniquilamento através da qual toda a feminilidade é ridicularizada: daí a fetichização, nos homens que se transformam em mulheres, dos símbolos mais marcantes da diferença sexual (roupas e sapatos espalhafatosos, perucas, maquiagem exagerada etc.) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 766).

Outra referência de *gênero* na psicanálise é Jean Laplanche (1924-2012) com a recuperação da teoria da sedução freudiana. Laplanche com esta teoria traz contribuições aos estudos sobre *gênero* atrelando à feminilidade (conceito de identificação feminina primária). No pensamento laplanchiano, a pulsão assume uma nova conotação, fazendo avançar a teoria freudiana da sedução, teoria que Freud abandonou.

Jacques André (André, 1996), a partir de Laplanche aprofunda as relações sedução originária/feminilidade, mas sem perder de vista Freud. E é nesta direção que André (1996) vai seguir, propondo muitos questionamentos à obra freudiana assegurando que Freud deixou muitos rastros interessantes para se compreender as feminilidades, e alguns destes rastros ainda são indecifráveis e por isso a temática da feminilidade na psicanálise é atual e com muitos desafios teóricos.

Do final dos anos 1970 em diante, feministas também se debruçaram sobre o tema *gênero* com aportes psicanalíticos, sejam no kleinismo ou no lacanismo. Do lacanismo, Judith Butler, vai se destacar no cenário mundial ao estudar as relações ao pensamento feminista no quesito *gênero* com aportes na psicanálise, na História e na Filosofia.

Questionada sobre que referencial ela se basearia ao falar do conceito psicanalítico da *pulsão* e sua relação com os estudos de *gênero*, Butler responde, remetendo-se aos trabalhos de Laplanche:

Tudo o que sei é o seguinte: não tenho uma formulação explícita do tipo "Esta é a minha teoria da pulsão". Mas posso dizer algumas coisas a respeito. O ensaio de

Freud *A pulsão e suas vicissitudes (Trieb und ihre Schicksale)* foi muito importante para mim desde que eu tinha 22 anos. E penso que ali ele introduz a ideia da pulsão como conceito-limite, existindo no limiar entre corpo e ideia ("soma" e ideia). E julgo isso extremamente interessante. A pulsão nunca é plenamente capturada pelas ideias, nem tampouco é plenamente redutível a um corpo biológico, mas existe no ponto de sobreposição entre eles, e Freud chega a dizer que a pulsão é parte dessa linguagem figurativa, é parte da poesia dele. Eu me interesso pelo que Deleuze faz com as pulsões em *Vênus das peles* em seus primeiros trabalhos sobre Sacher-Masoch. Acho extremamente interessante. A ideia de *pulsion*, em francês, é provavelmente um pouco diferente, mas ali penso em pulsões como estando a serviço de um perpétuo deslocamento. Mas acho que talvez a pessoa mais importante para mim no tocante a pulsões seja Laplanche e a discussão contida em *Vida e morte na Psicanálise* (KNUDSEN, 2010, s/p).

Sobre Laplanche, Judith Butler afirma:

Ele diz que as pulsões sexuais não têm nenhum telos inerente, nenhum fim ou meta necessários. Assim como você não pode dizer que uma pulsão sirva à função social de reprodução, porque uma pulsão está sempre se desviando do objetivo social para o qual é direcionada. Portanto, não se pode regular efetivamente as pulsões, porque elas sempre vão escapar, ou adotar outro objeto que não o previsto. E para mim isso é ótimo, porque Laplanche realmente defende o argumento de que a sexualidade não está vinculada à reprodução da espécie, e isso é crucial, quero dizer, ela pode ser vinculada, ela pode ser levada a seguir nessa direção, mas isso não é inerente à sexualidade em si. Portanto, tomo isso como um ponto importante (KNUDSEN, 2010, s/p).

Verifica-se um considerável avanço nos estudos de gênero no interior da psicanálise e se percebe que

os trabalhos mais interessantes no campo dos *gender studies* não foram produzidos pelos adeptos de uma concepção radical da diferença sexual, mas por historiadores ou filósofos mais moderados, que ora estudaram a construção da noção de gênero e de sexo na obra de Freud, ora estudaram um objeto (período, texto literário, acontecimento) a que o gênero pudesse ser aplicado (p. 292).

Arán (2009) aponta-nos algumas razões e implicações que demonstram a urgência e atualidade do tema *gênero* na perspectiva psicanalítica. A primeira delas é a escolarização feminina no Brasil, principalmente, dos anos 1990 em diante. Um segundo ponto é a participação da mulher no mercado de trabalho, as novas dinâmicas de arranjos familiares que se interliga à diversidade sexual e aos direitos reprodutivos, bem como outros condicionantes e condicionadores.

É central também, neste contexto, a temática da homossexualidade feminina e as novas feminilidades do qual fazem parte representantes masculinos, sobretudo no fenômeno das modificações corporais, ou seja, os transgêneros, os transexuais e os intersexuais.

Diante destas novas configurações sociais a psicanálise é convocada a ser auto-avaliada, auto-reflexionada e auto-conceituada, no sentido de se perguntar o que permanece, enquanto teoria, o que deve ser re-estudado, da clínica à generalização escolar ou social, relativas às novas subjetivações em gênero e sexualidade.

Arán (2009) sugere algumas novas análises necessárias ao autoexame no campo da psicanálise tocante ao gênero. Análises que tenham como eixo central e em primeiro plano o reestudo freudiano, mas com olhos na atualidade, no que se refere à concepção da sexualidade feminina.

Um conjunto de pesquisadores brasileiros vêm estudando esta proposta “atualizada”, não só pensando como também eles,

[...] têm recuperado o paradigma da feminilidade na obra freudiana a fim de expressar e trabalhar esse limite da teoria psicanalítica [...] para com isso construir um novo território no qual se possa pensar diferentemente a diferença. Os principais elementos de ligação entre essas teorias são: 1) uma crítica à centralidade da ideia do Édipo e do complexo de castração na psicanálise; 2) uma releitura da ideia de corpo erógeno na teoria freudiana com o objetivo de fundamentar metapsicologicamente a ideia de um excesso pulsional, pressuposto fundamental para que se possa pensar a multiplicidade das experiências subjetivas; 3) uma abordagem dos processos de subjetivação que toma como base referências extraídas da estética, em que a diferença se expressa como singularidade. Nessa nova abordagem da diferença, que se faz pelo deslizamento entre a ideia de feminino e de singular, está condensado o que sempre foi excluído pela cultura ocidental, em nome do princípio de identidade. O grande desafio é afirmar a especificidade da experiência vivida, ou seja, a positividade do corpo feminino na sua diferença, já que essa experiência foi historicamente recalcada ou mesmo expulsa do esquema simbólico dominante, sem pressupor que essa alteridade constitua um outro modelo (oposto ao masculino) e sim a afirmação de uma multiplicidade de singularidades. Nesse sentido, esse gesto de positividade da feminilidade teria longo alcance como crítica da cultura e forma de enunciação de novas subjetividades (ARÁN, 2009, p. 662-663).

A área psicanalítica na atualidade está marcada na diferença, portanto, nas feminilidades diversas; uma psicanálise de uma nova feminilidade, mas que não se desvincula das raízes freudianas.

Alves; Lemos (2015) apontam também para o atual quadro conceitual e referencial dos estudos sobre gênero na psicanálise: em Freud; em outros autores psicanalíticos, freudianos ou não (como por exemplo, as correntes do kleinismo e do lacanismo).

Uma última consideração sobre a atualidade conceitual e referencial sobre *gênero na psicanálise* e que também é apontado como uma das *proposições*, trata-se da centralidade da clínica e da pesquisa e os resultados/impactos daí decorrentes para o

plano dos espaços sociais, formalizados *em e para* políticas públicas que operacionalizem mudanças nas instituições, nas relações humanas. Lança-se a questão da(s) possibilidade(s) existente(s) de que numa base psicanalítica se avance da clínica e da pesquisa para um projeto de sociedade que não subjugu a mulher, mas a coloque no seu lugar de Direito. Nesta questão, tendo como veio a crítica feminista, se sugere a terminologia desta(as) política(s) como *políticas de gênero e sexualidade* que seriam endereçadas à saúde, à assistência social, à educação e outras instâncias alterando os binarismos homem/mulher, ativo/passivo, forte/sensível, etc. Um caminho inicial para este empreendimento em *políticas de gênero* na base psicanalítica seriam as teorias do *Totem e tabu* freudianos (Freud, 1996c), bem como, as clássicas obras *Mal-estar na civilização* (Freud, 2010a) e *O mal-estar na cultura* (Freud, 2010b).

A PESQUISA SOBRE GÊNERO NA PSICANÁLISE: continuando a identificar proposições

Esta seção do artigo procura fornecer um outro caminho para as *proposições* que se focam nas pesquisas da contemporaneidade sobre gênero na psicanálise, seguindo o método bibliográfico já abordado.

O elencamento das pesquisas configura-se como que um olhar superficial, um olhar do alto, necessitando de um pouso, mesmo que por pouco tempo, para uma sondagem mais de perto, mais localizada, o que incluiria os resíduos mais significantes para a constituição na atualidade sobre as pesquisas de gênero na psicanálise.

Sob o descritor composto *gênero; psicanálise* buscaram-se as produções no Banco de Teses da Capes (<<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>) acessado em 29 de setembro de 2015. O critério de busca foi aberto e abrangendo a totalidade das áreas do conhecimento, programas de pós-graduação, nível do curso e data de defesa dos trabalhos. Fixa-se a data a partir de 31/12/2011 até a atualidade, contudo, no sistema estão disponíveis trabalhos somente até 31/12/2012. Um pequeno avanço até 2015 foi dado, acessando os Programas de Pós-Graduação em que se concentram boa parte dos trabalhos de dissertações e teses elencados. Se fez isto, somente com o Programa de Pós-Graduação em Letras em que o site do Programa estava atualizado e disponibilizados para domínio público. No interior do Programa, localizou-se o orientador e partir daí os trabalhos de dissertações e teses concluídos.

Quanto ao primeiro critério, *Área de Conhecimento*, Letras, Linguística Aplicada, Linguística e Teoria Literária lideram o número de produções no período com

o total de 17 trabalhos (13 dissertações, quatro teses), sendo 11 em Letras, quatro em Linguística Aplicada, um (1) em Linguística e um (1) em Teoria Literária.

Grande parte das produções está no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Em uma rápida visita ao site do Programa, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Gracia Regina Gonçalves, dois outros trabalhos concluídos dão prosseguimento aos estudos na relação gênero/psicanálise no Programa: em 2014 “*Armadilhas do corpo: uma leitura de gênero em Isabel Ferreira (Silva, 2014)*” e, em 2015 “*Uma excêntrica senhora: figurações no não humano e A obscena senhora D, de Hilda Hilst*” (Lima, 2015).

Em segundo lugar nas áreas de conhecimento vem a Psicologia, Psicologia do Ensino e da Aprendizagem e Tratamento e Prevenção Psicológica com total de nove trabalhos (oito dissertações, uma(1) tese): sete na Psicologia, um mestrado na Psicologia do Ensino e da Aprendizagem e uma (1) tese na área de Tratamento e Prevenção Psicológica.

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia se destaca nas produções.

Em terceiro, a área de Sociais e Humanidades com 4 trabalhos, sendo três mestrados acadêmicos e um mestrado profissional.

As áreas de conhecimento da Antropologia, da Educação, da História contam apenas com um trabalho no período.

O critério *Programas de Pós-Graduação* totalizam 21 opções que trazem como título, a seguinte ordem, entre três: 1) Letras (nove trabalhos); 2) Psicologia (seis trabalhos) e 3) Estudos de Literatura e Linguística Aplicada e Estudos da Literatura, cada um destes programas com dois trabalhos cada um.

Quanto ao critério *Nível do Curso* tem-se 27 mestrados acadêmicos, sete doutorados e dois mestrados profissionais.

A análise, para fins deste artigo, para início de reflexões, para serem aprofundadas posteriormente, se focarão nas áreas de conhecimento 1) Letras; 2) Psicologia e 3) Sociais e Humanidades.

LETRAS

É interessante a localização dos trabalhos de gênero e psicanálise na área de conhecimento de Letras, com sete mestrados acadêmicos e duas teses de doutorado,

focando a construção das identidades dos sujeitos homem e mulher em obras e autores da literatura nacional e estrangeira. Beluque (2011), por exemplo, em sua dissertação faz a relação entre a literatura, a psicanálise e a identidade dos sujeitos em *A Bela Adormecida* e em *A Moça Tecelã*.

A partir de duas autoras estrangeiras, Alice Munro e Margaret Laurence, o mestrado acadêmico de Rocha (2011) analisa a formação do sujeito mulher na linguagem feminista das obras literárias destas autoras canadenses em que se tem como mote a constituição das subjetividades.

Martins (2012), na dissertação “O “*Estranhador*” é o estranho” com os conceitos fundamentais da psicanálise, utiliza-se de exemplos discursivos da literatura e do cinema para caracterizar a ampliação de *gênero*.

Qual é a máxima nos trabalhos na área de Letras? Uma aproximação (ainda que tímida) à psicanálise a partir da literatura e cinema, configurando o levantamento de investigações sobre as identidades e subjetividades envolvendo *gênero*.

PSICOLOGIA

Nos trabalhos desta área, a evidência da presença da psicanálise nas discussões de *gênero* já são perceptíveis nos títulos dos trabalhos: *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação* (Lattanzio, 2011); *O mito das amazonas: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade* (Souza, 2012); *Sobre o feminino: uma investigação psicanalítica com vislumbres mítico-clínico e a partir da literatura de Hilda Hilst* (Borges, 2012).

Lattanzio (2011) estuda um conceito psicanalítico de *gênero* utilizando de autores da psicanálise, a partir de Freud. E nesta construção faz um diálogo com a teoria feminista trazendo para a discussão a Filosofia. Como resultado da análise configura-se na discussão de *gênero*, novas formas de subjetivação do sujeito.

Utilizando-se da Teoria da Sedução Generalizada (Laplanche) a discussão de Souza (2012) é a feminilidade na psicanálise. E nesta discussão toma de empréstimo o mito das Amazonas, uma narrativa de sociedade de guerreiras que não permitiam a entrada de homens em sua sociedade. No “enredo do mito” Souza (2012) aponta cada uma das teorias psicanalíticas, dentre elas, a sexualidade feminina em Freud promovendo a seguir “destraduzir” o mito numa visão feminista como terreno fértil de um novo construto das feminilidades e do *gênero(s)*.

Clínica psicanalítica, mulher contemporânea e literatura. Com estas três palavras-chave, a dissertação de Borges (2012) é pura “clínica psicanalista” com o recurso da literatura de Hilda Hilst. Seu produto final assim como em Souza (2012) é a constituição na atualidade de outras manifestações de gênero.

Apenas citando alguns trabalhos é possível verificar a presença de uma *psicanálise de gênero contemporânea* que se pode traduzir como o avanço do conhecimento da mulher e da feminilidade a partir de Freud. E neste movimento, a literatura ocupa um espaço singular e se diga também prodigioso no sentido de se ampliar as teorias psicanalíticas sobre gênero, mas além de ampliar, modificar o que está “errado” ou encontrar possibilidades teóricas novas, a partir da clínica ou não, sobre gênero, sobre o feminino, sobre a mulher.

SOCIAIS E HUMANIDADES

Nesta área de conhecimento pode-se afirmar que se trata de uma “aplicabilidade” da temática “gênero” na psicanálise e nesta aplicabilidade, reaparece a literatura, como veículo de discussão crítica e originação de novos territórios reflexivos.

Representam esta área, os seguintes nomes dos Programas de Pós-Graduação e respectivas universidades:

- *Família na Sociedade Contemporânea*, Universidade Católica do Salvador (Mestrado Acadêmico).
- *Psicanálise, Saúde e Sociedade*, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro (Mestrado Profissional).
- *Educação e Saúde na Infância e Adolescência*, Universidade Federal de São Paulo (Mestrado Acadêmico).
- *Cognição e Linguagem*, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Mestrado Acadêmico).

Cruz (2011) estuda o ciúme do ponto de vista psicanalítico, em particular, na mulher, também utilizando como recurso a literatura *Medeia e Otelo*. Mas aparentemente no estudo não se busca uma nova possibilidade de gênero, talvez reforçando acriticamente a relação binária homem/mulher, violência/suaveza.

Promovendo uma aplicabilidade psicanalítica na relação mãe/bebê - mas não qualquer bebê, um bebê em risco nutricional atendido no SUS (Sistema Único de

Saúde) – Bizi (2012) faz uma discussão no âmbito das políticas públicas e da humanização necessária que mais se aproxima da clínica psicanalítica do que da execução de atividades profissionais.

A aplicabilidade psicanalítica em Moraes (2012) se reporta para adolescentes em conflito com a lei e suas representações sobre sexualidade. No caso das representações sobre as meninas, estas são negativizadas, permeando nos discursos uma visão sexista em sexualidade, rebaixando a mulher e desconsiderando o desejo (seu).

Silva (2012) em sua dissertação sobre gênero na psicanálise faz um operacionalizador interessante, utilizando-se da literatura brasileira: estudar a sexualidade feminina psicanalítica nas obras literárias nacionais de *Lucíola*, de José de Alencar e do romance *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado, constituindo um campo histórico/teórico sobre as representações da sexualidade feminina nos séculos XIX e XX. Obviamente, como critério histórico e aplicabilidade da psicanálise sobre gênero, o trabalho parece permitir serem colocadas na atualidade – e aí se trata de um investimento intelectual de peso, para além da dissertação aqui comentada – algumas questões sobre as novas feminilidades no século XXI, portanto, na contemporaneidade.

TRÊS PROPOSIÇÕES SOBRE *GÊNERO* NA PSICANÁLISE– concluindo...

Sob o crivo da crítica feminista, as proposições que respondem ao problema deste artigo são as seguintes:

- *A primeira* é atualizar ou realizar a adequação das teorias freudianas às novas feminilidades, de modo que dificilmente se terão novas teorizações sem esta base ou fundamento;
- *A segunda proposição* é organizar estudos em outros referenciais que não os freudianos (Stoller, Laplanche, Klein, etc.) – embora seja o vetor central, como fundamento teórico-clínico inegociável – e sistematizá-los no intuito de melhor “localizar” as teorias e as práticas que *pensam* gênero na contemporaneidade;
- *A terceira e última* proposição, advinda do breve levantamento bibliográfico é o assentamento e tendenciado recurso da literatura na constituição e entendimento das feminilidades que conduzam à sua evidenciação/destaque e não mais a subordinação (ou seja, contrapor-se à tendência, às vezes presente na literatura, em subjugar a mulher e manter a utilização acrítica do *gênero*, perpetuando o machismo e a inferioridade da mulher). Ainda no interior desta terceira proposição o aprofundamento

dos estudos sobre gênero na psicanálise a partir de uma vertente feminista (crítica feminista), por exemplo, em Simone de Beauvoir, Gayle Rubin, Tina Chanter³, entre outros(as) que se posicionam sobre o assunto, seja aprofundando o tema psicanalítico, seja realizando pequenas aproximações.

O conjunto destas proposições converge para um caminho (im)possível da clínica e das pesquisas acadêmicas às políticas públicas e suas efetividades nas esferas federal, estadual e municipal. *Políticas de gênero* que configurem um novo status da mulher na sociedade brasileira e mundial. Políticas que se organizem, para a configuração do gênero por entre as teorias da psicanálise e as pesquisas psicanalíticas e que promovam, pela crítica feminista, a diversidade e a identidade.

Isto se faz, atualmente, muito necessário e muito urgente, devido ao forte combate de uma posição anti-gênero, pelas alas conservadora-religiosa-políticas no Estado brasileiro, situação esta que incentiva cada vez mais pesquisas e ações de militância de base crítico-política feminista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Luísa. LEMOS, Moisés Fernandes. Configurações contemporâneas da feminilidade: uma leitura psicanalítica. *Perspectivas em Psicologia*, v. 19, n.º 1, p. 35-57, jan./jun. 2015.

ANDRÉ, Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n.º 2, p. 653-673, set./dez. 2009.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n.º 1, p. 288, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100020&script=sci_arttext> Acesso em 29 set. 2015.

BELUQUE, Maria Helena Touro. *As tramas dos contos de fadas na formação de sujeitos-leitores: (re) construindo sentidos em Bela Adormecida e a Moça Tecelã*. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

BIZI, Dayana Mara Dos Santos Silva. *Cuidado a mães de crianças em risco nutricional: do sistema único de saúde ao sujeito único da psicanálise*. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado

³Chanter (2011).

Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2012.

BORGES, Fabíola Graciele Abadia. *Sobre o feminino: uma investigação psicanalítica com vislumbres mítico-clínico e a partir da literatura de Hilda Hilst*. 2012. 100f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Maria Goretti Mendes. *Exercícios de leitura psicanalítica acerca do ciúme amoroso: os modelos de Medeia e Otelos*. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Família na Sociedade Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica Do Salvador, Salvador, 2011.

FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18. Rio Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias e outros textos*. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010b.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 3.^a ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n.º 1, janeiro/abril, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100009> Acesso em 26 set. 2015.

KOSS, Monika von. *Feminino+Masculino*. Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 189-204, jan./abr. 2010.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo. *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. 2011. 195f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LIMA, Nathália Amanda Silva de. *Uma excêntrica senhora: figurações no não humano em A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. 2015. 81f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa (MG), 2015.

MARTINS, Julia Teirelroit de Souza. *O “estranhador” é o estranho*. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MORAES, Silvia Piedade de. *Sexualidade e gênero de adolescentes em conflito com a lei*. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, cidadania e política democrática radical. *Debate Feminista*, Cidadania e Feminismo (Edição especial). São Paulo: Melhoramentos, 1999, p. 29-47.

PERSON, Ethel S. OVESEY, Lionel. Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. In: Ceccarelli, Paulo Roberto. (org.). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 1999, p. 121-150.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROCHA, Patrícia Lacerda Faria. *No país da linguagem: o processo de formação de identidades em Alice Munro e Margaret Laurence*. 2011. 101f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. COLLADO, Carlos Fernández. LUCIO, Maria del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 3.^a. Ed, São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SILVA, Franciane Conceição da. *Armadilhas do corpo: Uma leitura de gênero em Isabel Ferreira*. 2014. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa (MG), 2014.

SILVA, Simone Machado da. *Dois momentos da representação literária da mulher. A sexualidade e o papel do feminino em Lucíola de José De Alencar e Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado*. 2012. 86 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Cognição e Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual Do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes (RJ), 2012.

SOUZA, Ivy Semiguem Freitas de. *O mito das Amazonas: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade*. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2012.

STOLLER, Robert. *Masculinidade e Feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VALENÇA, Maria da Conceição Araújo. *A feminilidade em Freud e na contemporaneidade: repercussões e impasses*. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2003.

(Recebido em fevereiro de 2016; aceito em agosto de 2016)